

CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO ASSIS GURGACZ

**Maria Eduarda Pisdsura
Renata Alana Oliveira da Silva**

**Transtorno do Espectro Autista-TEA: Desafios da inclusão na Educação
Infantil**

CASCABEL

2019

Transtorno do Espectro Autista-TEA: Desafios da inclusão na Educação Infantil

Trabalho apresentado na disciplina, de Trabalho de Conclusão de Curso: Artigo, como requisito parcial para obtenção da aprovação no Curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz.

Professora Orientador: Dirléia A. Sbardelotto Castell

CASCADEL

2019

Transtorno do Espectro Autista-TEA: Desafios da inclusão na Educação Infantil

Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Pedagogia, do Centro Universitário Assis Gurgacz – Cascavel, exigido como requisito parcial para obtenção de aprovação semestral, sob orientação da Professora Dirléia A. Sbardelotto Castell, tendo sido

_____ com a nota _____, na data de
_____/_____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Professor(a) Orientador(a) Dirléia A. Sbardelotto Castell
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz

Professor(a) Avaliador(a) Jean Carlos Coelho
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz

Professor(a) Avaliador(a) Silvia Aparecida Cavalheiro
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz
Cascavel, ____ de _____ de 2019.

Transtorno do Espectro Autista-TEA: Desafios da inclusão na Educação Infantil

PISDSURA, Maria Eduarda ¹
SILVA, Renata Alana Oliveira²
CASTELL, Dirléia A. Sbardelotto³

RESUMO

O presente artigo traz informações acerca da inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil. Desse modo, busca-se falar sobre o TEA de uma maneira que ao fim da leitura seja possível detectar alguns dos desafios da inclusão desses alunos na escola regular. Discute-se também, sobre a atuação do professor que receberá o aluno tendo ou não a preparação necessária para atender esse educando. Essa discussão faz-se necessária, o educador tem o poder de transformar a vida de uma criança especial, que, ao mesmo tempo, também é igual às outras, já que apresenta total capacidade de aprender, desde que o processo educativo seja organizado levando em conta as suas especificidades.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo, educação infantil, inclusão.

ABSTRACT

This paper brings information about the inclusion of children with Autism Spectrum Disorder in the Child Education. This paper aims to discuss about ASD in a way so that in the end of the reading it is possible to detect some of the challenges of this student inclusion in the regular school. It is also pointed out the role of the teacher who receives this student in class whether the teacher has or not the capability of assisting this pupil, he has the power of completely changing a special child's life that has the necessity to be treated as an equal child who has full capacity to learn since there is an attentive look to his or her specificities.

KEY WORDS: Autism, child education, inclusion..

¹Acadêmica do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz mariapisdsura@hotmail.com

²Acadêmica do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz renataalana3@gmail.com

³Professora orientadora Centro universitário da Fundação Assis Gurgacz dirleia@fag.edu.br

1- INTRODUÇÃO

O presente artigo traz uma análise sobre o Transtorno de Espectro Autista (TEA). Esta investigação fundamenta-se em diversos autores renomados que contextualizam sobre os desafios da inclusão da criança autista na Educação Infantil Como Silva (2012). O TEA é bastante abordado na área educacional por ser um dos transtornos globais do desenvolvimento em maior evidência na atualidade.

Optou-se por falar sobre o autismo após conhecer uma criança autista e vivenciar a sua rotina escolar durante um longo período. Além disso, a temática é relevante já que não se deve abordar a questão para conhecimento das pessoas inseridas no âmbito educacional, mas também para quem busca saber mais sobre os desafios enfrentados pelos educadores na inclusão da criança autista na educação infantil.

Quando se fala em Educação Infantil é importante saber que essa é a primeira etapa da vida escolar da criança, ou seja, é a fase inicial da educação básica. Portanto, esse período necessita de um cuidado mais prudente, tendo em vista que é a fase de formação inicial de um ser.

Sabe-se que a Educação Infantil é importante para o desenvolvimento da criança, sendo direito e dever da família e do estado garantir igualdade e condições para o acesso e permanência na escola, tendo este um atendimento especializado. A criança autista apresenta capacidade de aprender, porém os procedimentos e metodologias a serem utilizados com ela, a fim de contribuir para o seu desenvolvimento representam um desafio para a grande maioria dos profissionais no âmbito educacional.

Além disso, para muitas pessoas as crianças com Espectro Autista, são totalmente diferentes das outras pessoas, pois acreditam que vivem em seus próprios mundos isolados e são muito difíceis de socializar-se. Nesse sentido, Silva (2012) relata que:

grande parte da população já ouviu falar em autismo. Geralmente, esta palavra nos remete a campanhas, filmes ou programas de TV em que uma criança, isolada no seu canto, balança o corpo e olha incansavelmente para seus dedinhos a se mexer. Essa cena até ilustra, em parte, pessoas com esse tipo de funcionamento mental, mas, como estereótipo, é capaz de deixar marcas e estigmatizar quem vive e se expressa assim. (SILVA, 2012, p. 10)

Quando se fala em Educação Especial, também se inclui o autismo. O autismo cientificamente conhecido como TEA, é um Transtorno de desenvolvimento que prejudica a comunicação e a interação social do indivíduo. São inúmeros os sintomas, dentre os principais estão: os comportamentos repetitivos, a falta de contato visual, o andar constantemente na ponta dos pés, a sensibilidade notória a sons e ruídos, os interesses obsessivos como, por exemplo, por determinada cor, letras, números, a irritabilidade, o choro com facilidade, não lidam bem com mudanças na rotina, em alguns casos também podem manifestar um comportamento agressivo, entre outros.

O Transtorno afeta o sistema nervoso e requer diagnóstico médico. Pode-se manifestar antes mesmo dos 3 anos de idade, ou ser descoberto tardiamente na fase adulta. A doença não tem cura, porém, tem tratamento que pode contribuir para um melhor desenvolvimento e minimizar os sintomas. É mensurado em níveis: leve, moderado e severo. Desta forma, este estudo tem como objetivo detectar os desafios na inclusão do aluno com TEA na Educação Infantil.

2- DESENVOLVIMENTO

A sociedade diversifica-se e transforma-se a cada instante. Dessa maneira, vive-se de forma que todos também estão em constante desenvolvimento e mudança. Assim, a escola, integrante do social, deve buscar formalizar o ensino de modo que ele possa abranger todas as pessoas que nesse ambiente encontram-se.

Primeiramente, a Educação Infantil faz parte do desenvolvimento integral de todas as crianças. Essa fase é repleta de descobertas e desafios e de grande desenvolvimento. Esse nível de ensino passou por diversas etapas de transformação até chegar à organização contemporânea. Froebel (1985) destaca que

o cultivo da primeira infância efetivado pelo coração feminino está fundamentado na direção de toda a vida futura do ser humano” uma vez que assim o estabeleceu o Criador através da natureza e do homem. Por isso, as jardineiras devem ser preparadas como mediadoras entre as naturais qualidades educativas da mãe e os naturais reclamos da infância. Desse modo, as jardineiras prestam um auxílio as mães que se acham impedidas na sua função maternal por estarem presas aos afazeres da vida moderna. (FROEBEL *apud* KOCH, 1985, p. 62)

Nos jardins de infância, as “educadoras” eram como substitutas das mães, tendo o dever de zelar cuidadosamente das crianças, tornando o ambiente um local de cuidados e não de

educação em si. A figura da mulher acabou, assim, sendo vista como a educadora principal na Educação Infantil, por muito tempo.

A partir do século XX, as escolas iniciam um ciclo de independência e aos poucos vão libertando-se das doutrinas religiosas, dando início a Educação Laica. Atualmente, todas as crianças têm direito a educação infantil, segundo a Constituição de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 e o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Segundo Kramer (2011), no Brasil, a Educação infantil ocorre nos CMEI's e nas pré-escolas objetivando uma melhor qualidade de ensino e de desenvolvimento. A mesma autora afirma que existem muitas barreiras para a infância, essas caracterizam-se como indagações sociais e educacionais que necessitam de resoluções. Por mais que a Educação Infantil tenha tido uma grande evolução, ainda, hoje, é necessário muita atenção e estudo da parte dos profissionais que atuam nessa área. Nesse sentido, Kramer (2011) afirma que

concebemos as crianças como produtoras de cultura, constituídas a partir de sua classe social, etnia, gênero e com diferenças físicas, psicológicas e culturais. Elas brincam, aprendem, criam, sentem, crescem e se modificam ao longo do processo histórico que dá corpo à vida humana, dão sentido ao mundo, produzem história e superam sua condição natural por meio da linguagem. Seu desenvolvimento cultural implica construir a história pessoal no âmbito da história social. (KRAMER, 2011, p. 71)

A autora esboça que as crianças necessitam de cuidados e auxílio, pois é de extrema importância que elas recebam atenção e todos os cuidados principalmente nos anos iniciais para que possam desenvolver-se plenamente. A Educação Infantil foi assim desenvolvida historicamente e tem papel importante para o desenvolvimento do conhecimento e da educação das crianças de 0 a 5 anos de idade, caracterizando-se como uma das fases mais ricas para o crescimento pleno e integral do indivíduo visto até então como criança. Destaca-se que é na infância o momento de início da construção do sujeito cidadão.

É importante frisar que vivemos em um mundo repleto de novidades que a cada minuto transforma-se e evolui. Assim como a sociedade modifica-se, as pessoas também mudam e muitos têm modos diferentes de encerrar e viver, alguns criam até seus próprios mundos e são diferentes, não por escolha, mas por já nasceram assim. Do mesmo modo a criança autista representa e apresenta para a sociedade o que é ver e ser diferente de uma forma simples, porém para muitos não tão fácil entender o que esse transtorno realmente significa.

Conforme SILVA (2012), Autismo é “um transtorno no desenvolvimento infantil que se manifesta antes mesmo dos seus 3 anos de idade” (SILVA, 2012, p.06. Logo, quando se fala em Autismo, muitas pessoas tendem a imaginar uma criança isolada brincando em um canto, repetindo várias vezes o mesmo movimento sem cansar-se. O Autismo de fato tem impactos na área de socialização da criança, assim como no comportamento e na comunicação. Algumas crianças podem apresentar, ainda, o comportamento agressivo e obsessivo por pessoas ou objetos, isso pode apresentar variações dependendo do nível de TEA. Nesse sentido, é importante ter o diagnóstico de nível do grau de Autismo, para que assim tanto a família quanto a escola estejam cientes do quanto de auxílio e cuidado devem ser dispensados para o completo desenvolvimento.

Levando em consideração essas questões, neste ano de 2019, a Câmara (PLC) 139/2018 Fonte: Agência Senadopublicou a lei 13.861, de 2019. Esta inclui nos censos demográficos perguntas referentes ao Autismo, auxiliando na contagem de pessoas no território brasileiro que apresentam esse transtorno, objetivando o direcionamento de políticas públicas que serão inseridas para autistas.

Atualmente, segundo a Revista Espaço Aberto, contabiliza-se que o Brasil tenha cerca de 2 milhões de pessoas com TEA, sendo mais de 300 mil no estado de São Paulo. Mesmo assim, ainda se tem muita dificuldade em encontrar tratamentos e auxílio para essas pessoas que necessitam de um olhar diferente da sociedade por terem habilidades distintas e incompreendidas por muitas pessoas que não entendem de fato o que é o autismo.

Naturalmente muitas crianças com Transtorno do Espectro Autista têm habilidades incríveis. O sentido de observação do mundo dessas é muito maior do que podemos imaginar. Eles realmente conseguem ver de forma real o mundo usando os seus sentidos de criatividade, inteligência e imaginação. Silva (2012) afirma que

devemos considerar que as primeiras descrições mais fidedignas do Autismo surgiram na década de 40, portanto, trata-se de um diagnóstico recente. Obviamente, o problema já existia antes disso, mas, em se tratando de ciência, é um tempo bastante curto. Por isso, ainda estamos em fase embrionária nas descobertas das causas e da cura do problema, embora muitos avanços tenham sido conquistados em termos de entendimento e tratamento eficaz. (SILVA *et al.*, 2012, p. 6)

Além do que foi exposto, trata-se de algo relativamente novo e que dependendo do grau de Autismo pode passar despercebido praticamente até sua vida adulta. Vale destacar que a não

identificação pode acarretar problemas irreversíveis. É importante que os pais sempre tenham um olhar atento a seus filhos. Por mais que existem vários níveis de TEA, todos eles, sem nenhuma exceção, terão algumas frustrações na vida profissional, educacional e social se não forem diagnosticados.

Desde que nascem, segundo Silva (2012), eles já são incluídos em um ambiente social familiar. Posteriormente, esse ciclo social vai aumentando e chega a hora de conhecer pessoas além da família. Esse é o momento em que as crianças são inseridas no ambiente escolar. Na Educação Infantil a obrigatoriedade é a partir dos 4 anos, mas muitas crianças começam a ir bem mais novas para o Centro de Educação Infantil, até o final da adaptação, é necessário que se tenha paciência e que o educador comece a criar um vínculo com o aluno e auxilie os outros alunos a também interagirem.

Em outras palavras, para muitos essa etapa de adaptação em um ambiente totalmente diferente com pessoas desconhecidas é muito difícil no início e para uma criança Autista é muito mais. Trata-se de uma mudança muito grande na rotina, pois ela não vai estar todo tempo com familiares, vai deparar-se com outras crianças que, na maioria das vezes, não têm esse transtorno, promovendo situações assustadoras, no primeiro momento, principalmente, se nem a família nem a escola estiverem cientes de que a criança tem Autismo.

Vale ressaltar que muitas pessoas não entendem o que é incluir, nem como, quando e por que o fazer, mas independentemente da sua deficiência, gênero ou crença todos têm o direito de conviver em sociedade e exercer seus direitos de cidadãos frequentando os mesmos locais e tendo as mesmas oportunidades. Segundo Mantoan (2003),

a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos. E muito menos desconhecer que aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens, de nossos valores e sentimentos. (MANTOAN, 2003 p.12)

Nesse sentido, entende-se que a inclusão de maneira concreta está em formação e não se encontra totalmente definida, no que se diz respeito às crianças com TEA, essas são asseguradas pela LEI Nº 12.764/2012 que garante o direito de frequentarem escolas, mesmo sem ter a plena certeza de que essa inclusão será de fato uma boa opção para o desenvolvimento do educando com Autismo.

Isso se justifica pelo fato de que quando se fala em inclusão deve-se levar em consideração o ambiente escolar em que essa criança será inserida e se ele de fato está preparado com os profissionais capacitados para receber e conceder conhecimento e estimular o desenvolvimento desse educando.

Assim, não se trata somente de incluir as pessoas nas escolas, mas também de desenvolver uma troca de conhecimentos entre ambos, aceitar o que o aluno já traz consigo e respeitar suas vivências, utilizando-as como meio de integração de conhecimento de ambos dentro do mesmo sistema. Muitos professores não se sentem preparados para receber alunos com alguma necessidade especial em suas salas de aula. Na maioria das vezes, não sabem como agir, para que esse aluno se sinta acolhido e interaja com outros alunos. Algumas vezes, essa dificuldade aumenta, quando se fala de crianças autistas, pois elas têm uma dificuldade um pouco maior do que as outras crianças, no momento em que conhecem um lugar novo, com pessoas desconhecidas. Por mais que a maioria dessas pessoas sejam alunos da mesma idade que ele, não é tão fácil a adaptação, pois os Autistas têm mais resistência a mudanças de hábitos e de lugares.

É importante ressaltar que a Inclusão e a Integração Escolar, são duas teorias diferentes, segundo Montoan (2003, p. 14, “integração não leva diretamente o aluno com necessidades especiais para dentro de uma sala regular, eles são individualizados recebem de forma diferente o ensino são separados de outros alunos mesmo estando juntos no mesmo ambiente”, ou seja, a integração sugere que esses alunos modifiquem-se para serem aceitos pela sociedade. Nessa teoria, eles precisam esforçar-se para encontrar um meio de serem aceitos. Como se as suas diferenças fossem algo que os torna menos importantes dos que os outros cidadãos “normais”. No entanto, a Inclusão busca mudanças de ambos os lados, incluindo todos os indivíduos nas mudanças de convivência social. Montoan (2003) afirma que:

a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. Os alunos com a deficiência constituem uma grande preocupação para os educadores inclusivos. Todos sabemos, porém, que a maioria dos que fracassam na escola são alunos que não vêm do ensino especial, mas que possivelmente acabarão nele. (MONTANO, 2003 p.16)

Pode-se perceber, de acordo com Montoan (2003), que a inclusão é como utopia de escola ideal onde todos conseguem aprender cada um à sua maneira e o professor consegue dominar todas as metodologias que se encaixam a cada perfil de aluno. Salienta-se que para a

inclusão do Autista dependendo do grau diagnosticado, geralmente, em sala haverá uma Auxiliar só para ele que ajudará no aprendizado individual desse aluno.

Em primeiro lugar, deve-se evidenciar que a criança autista é especial e que ao planejar todo e qualquer processo educacional, sem dúvida, é necessário levar em consideração o indivíduo que se pretende educar, já que faz parte do processo educacional conhecer seu aluno e saber do seu potencial. O segundo passo para desenvolver um bom trabalho com uma criança autista é reunir a equipe multidisciplinar da escola para preparar-se e planejar, pois, as crianças podem ser diagnosticadas com o mesmo transtorno, mas, cada aluno terá um perfil diferente, isto é, os enfrentamentos são individuais.

Faz-se necessário comentar que nem sempre os professores que assumem as classes de educação especial têm interesse e que infelizmente a demanda da inclusão chega às escolas antes da preparação do professor e a estratégia de solução tem sido a capacitação desses profissionais em serviço, através dos programas de formação continuada.

Os desafios a serem enfrentados por educadores na inclusão do autista na Educação Infantil estão diretamente ligados à família e é imprescindível o conhecimento de ambos pela escola, já que a família estará diretamente ligada à inclusão e muito depende dela o sucesso dessa etapa.

A família da pessoa com autismo passa por fases desde o momento em que é descoberto o transtorno na criança. Sabe-se que muitas tendem a ter uma resistência quanto a aceitação, “os sentimentos da família sobre a deficiência de seus filhos são cíclicos e podem transitar entre a aceitação e a negação, especialmente nas mudanças de fases da criança” (SERRA, 2004. p. 21), ou seja, esse desafio engloba muito mais do que o ambiente escolar.

No que se refere à inclusão a família tem o papel importante de fornecedora de informações sobre o aluno autista, auxiliando a equipe pedagógica com a comunicação entre a escola e a criança. Na fase de adaptação o aluno começa ficando por poucas horas na escola e com o passar dos dias esse período vai aumentando, até que o aluno se sinta seguro para permanecer no ambiente escolar por um longo período de tempo.

Essa adaptação é variável de criança para criança, e quando se trata de uma criança autista a situação fica ainda mais frágil, pois engloba diversos fatores como a interação deste indivíduo com os demais colegas, com os educadores. Ao professor cabe a capacitação para receber esses alunos. Um dos desafios para isso está no contexto pedagógico, como: falta de cursos e palestras a respeito do (TEA), Uchôa (2015) explica que

de fato, é lei que os professores incluam os alunos, mas é evidente que encontrará desafios para inserir o aluno autista na sala de aula, pois muitos profissionais não tem uma formação adequada para se trabalhar com as crianças autistas. As dificuldades que podem ser encontradas pelo professor é a linguagem do aluno, a compreensão, agressividade partindo da criança, o medo por parte do professor, dúvidas em relação as práticas pedagógicas, a adequação do espaço, falta de recursos ou insuficientes e inadequados para proporcionar um melhor ensino.” (UCHÔA, 2015.p.19)

Em virtude desses desafios, educar a pessoa autista torna-se uma tarefa complexa, principalmente para o educador que não obteve uma capacitação antes de receber o aluno. Mesmo assim, o professor deve oferecer ao aluno com TEA as mesmas oportunidades, intensificando a adaptação do aluno em sala de aula e também no ambiente social. Ser um professor que entende a realidade de cada aluno, que utiliza desse conhecimento de mundo que cada um deles traz para a sala de aula intensifica o desenvolvimento do ensino aprendizagem. Muito depende da vontade do professor em aperfeiçoar-se para atender às necessidades que aparecem no seu cotidiano escolar. Desse modo,

e necessário que o professor esteja disposto para trabalhar com quaisquer dificuldades que lhe apareça. Sua pratica educacional deve estar adequada e preparada para receber os alunos e suas necessidades. O professor precisa sempre estar se atualizando, não apenas se acomodar nos conteúdos estudados na graduação, mas buscar através das leituras e de especializações novos conhecimentos para trabalharem com as crianças e não se surpreenderem quando tiver que ensinar uma criança com autismo” (UCHÔA, 2015 .p. 20)

O professor, na Educação Infantil, tem extrema importância no crescimento dos alunos. Nesse sentido, é necessário que o educador tenha consciência e entenda o grande impacto positivo ou negativo que ele pode causar na vida deles. Parar no tempo não é a melhor forma de desenvolver técnicas de adaptação para crianças autistas, o mundo está em constante desenvolvimento e os alunos também seguem essa transformação da aprendizagem.

Certamente nenhum aluno será igual ao outro, sendo assim de muito vale a experiência em trabalhar na inclusão e também em conjunto, levando em consideração que não é somente o professor que receberá o aluno autista, mas, também, no geral, a comunidade escolar, ou seja é necessário a colaboração de todos para que possa existir a inclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se ao final deste estudo que a educação ainda encontra muitas barreiras desenvolver-se no que se refere ao tratamento dado à inclusão. Muitos avanços foram conquistados. O Autismo hoje faz parte da realidade da sociedade deste país, os números que foram citados mostram que é preciso, sim, investir cada vez mais na área da educação para crianças especiais e na efetivação das políticas públicas, para que o desenvolvimento escolar tenha avanços e ganhos no que se refere ao conhecimento e ensino.

Os professores precisam buscar capacitações, mudanças e ampliar os horizontes para novas ideias. Estagnar-se não é uma opção para quem escolheu mudar vidas e construir futuros. É preciso acreditar na educação e firmar uma união entre escola, colegiado de professores e famílias. A comunidade escolar deve envolver-se e estar disposta a colaborar com a ação de mudança para melhores condições na educação e na inclusão, assim se conquistaria um ensino que abranja todos, não somente no mesmo local escolar, mas sim, no conhecimento e crescimento, principalmente das crianças Autistas que podem ensinar e aprender muito com os professores e colegas de escola.

Sabe-se que não é uma tarefa fácil receber em sala um aluno especial. Autistas veem o mundo de forma diferente. Eles são incríveis, podem ter um desenvolvimento intelectual além da média, dependendo do grau de autismo. Nenhum vai ser igual ao outro, por isso o diagnóstico é de extrema importância, já que o aluno deve ser atendido por uma equipe multidisciplinar capacitada que o auxiliará em sua adaptação ao ambiente escolar.

Logo, o mundo singular do autismo pode ser desmistificado. Os professores por meio de formações e especializações podem preparar-se para receber alunos que necessitam de mais atenção e também ajudar os pais a procurarem orientações sobre como devem agir após o diagnóstico de autismo de seu filho e assim trabalharem juntos em busca do objetivo de transmitir conhecimento e desenvolvimento integral para esta criança.

Assim os pais, entenderão quais seriam as melhores maneiras de agir e apoiar a educação do filho autista, juntamente com os professores, a equipe pedagógica. Trata-se quase de uma “utopia”, que depende do conhecimento, dedicação e entendimento dos profissionais da área educacional para tornar-se realidade e também da compreensão dos pais. É um trabalho em conjunto para o melhoramento da educação infantil para todos.

REFERÊNCIAS

ARCE. A. **A pedagogia na “era das revoluções”**: uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel. Campinas, SP. Disponível em: <<file:///C:/Users/ariameduarda/Desktop/relatorio%204º%20periodo/arce.pdf>> Acesso em: 02 de novembro de 2019

ARCE. A. **Documentação oficial e o Mito da educadora nata na educação infantil**. Disponível em: <<file:///C:/Users/ariameduarda/Desktop/relatorio%204º%20periodo/rousseau%20e%20froebal.pdf>>. Acesso em: 02 de setembro de 2019

BRASIL - CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988: de 22 de setembro de 1988.

BRASIL. Lei Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. **Lei nº 12.764/2012 de 27 de dezembro de 2012**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/112764.htm>. Acesso em: 15 de outubro de 2019

KRAMER, S. NUNES, M. F. R. CORSINO, P. **Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental**. Disponível em: < > Acesso em: 02 de novembro de 2019

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: de 20 de novembro de 1966.

MONTOAN, M. T. E. **Inclusão escola. O que é? Por quê? Como fazer ?**. Moderna: São Paulo, 2003.

Revista - **Espaço Aberto**. São Paulo: Faculdade Pública da USP, edição 170, disponível em: <<http://www.usp.br/espacoaberto/?materia=um-retrato-do-autismo-no-brasil>>

SERRA, D. C. G. **A inclusão de uma criança com autismo na escola regular**: desafios e processos. Fevereiro de 2004. Disponível em: <http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/Dayse_Carla_Genero_Serra-ME.pdf> Acesso em: 20 de outubro de 2019

SILVA, A. B. B; GAIATO, M. B.; REVELES, L. T. **Mundo singular entendendo o Autismo**. Fontanar, 2012.

UCHÔA, Y. F. **A criança autista na educação infantil: desafios e possibilidades na educação inclusiva**. Campina Grande, 2015. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/7959/1/PDF%20-%20Yasmim%20Figueiredo%20Uch%c3%b4a.pdf>> Acesso em: 20 de outubro de 2019